

A COLAGEM COMO FERRAMENTA DE AUTORREPRESENTAÇÃO E EMPODERAMENTO DE MULHERES NEGRAS¹

Maria Gizele do Carmo de Brito²

RESUMO

Este trabalho investiga os impactos da colonização na construção das identidades negras, destacando os efeitos da ideologia do branqueamento e da democracia racial, que promoveram o apagamento e a negação da subjetividade negra. A memória, como ferramenta de resistência e construção identitária, é explorada a partir de um olhar subjetivo, ancestral e feminino. A colagem é proposta como meio de materialização dessas memórias, possibilitando narrativas visuais que rompem com apagamentos históricos. Através de uma experiência com duas mulheres negras, o processo revelou fragmentos afetivos da infância, reafirmando a colagem como instrumento de empoderamento e autorrepresentação.

PALAVRAS-CHAVE

Colagem; empoderamento; autorrepresentação; mulheres negras.

INTRODUÇÃO

A colonização usurpou a subjetividade das pessoas escravizadas, reduzindo a identidade a um único ser: o “negro”. Essa imposição unificou culturas, linguagens, histórias e pertencimentos de uma população negra. Partindo dessa violência que foi a escravidão, e avançando historicamente após a “falsa abolição”, a identidade de pessoas negras continuaram a serem definidas pelas hegemonias brancas. Lélia Gonzalez (2020, p. 168) apresenta duas tendências ideológicas que definem a identidade negra na sociedade brasileira: por um lado, a noção de democracia racial e, por outro, a ideologia do branqueamento, resultando em um tipo de duplo nó.³

A noção de democracia racial, desenvolvida por Gilberto Freyre nos anos 1930, constituiu a visão pública e oficial dessa identidade. Assim,

¹ Trabalho apresentado para o GT 4 - Futuros Ancestrais, integrante da programação da 22^a Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em comunicação da UFC, e-mail: magidocarmo@gmail.com

³ Marilena Chauí (1998, p. 207) afirma: “O duplo nó consiste em afirmar e negar, proibir e consentir alguma coisa ao mesmo tempo. Os lógicos afirmaram que o duplo nó conduz à impossibilidade da decisão; os psiquiatras o consideram causa maior da esquizofrenia, e os antipsiquiatras o consideram a prática típica da família e da ciência médica.”

negros são cidadãos como quaisquer outros e, como tais, não estão sujeitos a preconceito ou discriminação. As imagens do Carnaval e futebol brasileiros são largamente utilizadas (especialmente no exterior) como “provas concretas” da “harmonia racial” brasileira. O que predomina na “democracia racial” brasileira é o preconceito de não ter preconceito. Antes da noção de democracia racial, a ideologia do branqueamento serviu como justificativa para uma política desenvolvida pelos governos brasileiros para branquear a população do país ao encorajar uma massiva imigração europeia, sobretudo no período 1890-1930. (Gonzalez, 2020, p. 168-169)

Após analisarmos historicamente a noção de identidades negras, com base nas definições impostas pela hegemonia branca, seja pela ideia de democracia racial, seja pela ideologia do branqueamento, percebemos que, em ambos os casos, o ser “negro” é violentamente colocado em um lugar de negação. A democracia racial atua por meio de discursos que negam a existência do racismo e das discriminações, enquanto a ideologia do branqueamento promove o apagamento das identidades negras. Esses discursos, ao longo do tempo, contribuíram para a consolidação do racismo estrutural, a reprodução de estereótipos e a dificuldade e/ou negação da apropriação identitária por parte da população negra. As mulheres negras, nesse contexto, sofreram múltiplas formas de violência e opressões que atravessaram a construção de suas identidades. Neusa Santos Souza, em seu livro *Tornar-se negro*, comprehende que:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Souza, 2021, p.46)

A construção de nossas identidades parte da compreensão do que, historicamente, nossos ancestrais vivenciaram. Entender essas repressões históricas e olhar criticamente para elas é fundamental para desenvolvemos uma consciência crítica sobre a estrutura social. No entanto, esse olhar não está voltado para a compreensão de nós mesmos, já que somos, vítimas das violências e apagamentos a que fomos historicamente submetidos. Patricia Hill Collins (2019) define a jornada para a autodefinição com uma importância política, afirmando que “nesse processo, nós, mulheres negras, partimos rumo a uma compreensão de que nossa vida pessoal foi fundamentalmente moldada por opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe”. No entanto, durante esse processo

“a substituição de imagens negativas por imagens positivas pode ser igualmente problemática caso a função dos estereótipos como imagens de controle não seja reconhecida”.

A MEMÓRIA COMO MOVIMENTOS DE IDENTIDADE

Joyce Prado (2021), em seu texto *Aprendendo a escrever em imagens*, traz a definição da palavra “passado” segundo o dicionário, e a contrapõe a uma definição preta possível do mesmo termo. De acordo com o dicionário, “passado” é o tempo remoto, antigo: *o passado da humanidade*. Já na perspectiva preta, “passado” significa uma constante em resgate e construção - essencial para a equação entre sujeito e identidade. Resgatar memórias, no processo de construção de nossas identidades, é um movimento que pertence ao campo das subjetividades. Registrarmos em nossa mente experiências de alegria, tristeza, dor ou afeto por meio de memórias sensoriais e imagéticas, perspectivas que revelam fragmentos de quem somos. Esse movimento constitui um caminho de apropriação de si, a partir das lembranças pessoais. Devemos considerar, também, as formas como acessamos essas memórias: muitas delas estão nas histórias que ouvimos ao longo da vida, contadas por familiares e ancestrais, que compartilham suas vivências por meio da oralidade.

A nossa história é muito oral, geralmente, temos poucos registros de onde viemos, dos nossos ascendentes, quase nunca fotos, então, o que sabemos sobre nossa história e ancestralidade, habitualmente, é contada por meio de história oral. Como conseguimos sistematizar isso para que não se perca? Porque conforme o tempo vai passando detalhes vão se perdendo e histórias vão deixando de ser contadas. Como guardamos isso? (Pérez, 2024, p. 44)

Geovanna Pérez (2024) propõe uma reflexão sobre onde construímos e registramos a memória negra, e descreve a memória como “poder de adquirir, guardar e evocar aquilo que já se foi vivido, experimentado, visto e sentido, por si mesmo ou pelo outro, de forma individual ou coletiva, intangível ou materializado”. A autora afirma que é necessário tomarmos posse do protagonismo de nossa história, ocupando esse lugar e reivindicando nossas histórias e nossas memórias. Ela propõe trazer a memória que está no campo do intangível para o campo do materializado. Ou seja, como essas memórias

compartilhadas pelos ancestrais e nossas memórias para a construção de nossas identidades podem ser materializadas?

A COLAGEM COMO VIÉS DE IDENTIDADE

Aqui, apresento um caminho para a materialização da memória na construção da identidade, do empoderamento e da autorrepresentação, por meio da colagem.

O termo colagem — inicialmente *collage*, derivado do verbo francês *coller*, *colar* — circula no vocabulário do campo da arte há pelo menos um século. Seu uso tem origem “oficial” com a apresentação de obras de George Braque e Pablo Picasso. Em 1912, com o trabalho *Fruteira e copo*, Georges Braque desafiou os princípios tradicionais da composição ao inserir na tela da pintura um material da vida cotidiana, um pedaço de papel de parede, resultando assim na fragmentação do objeto representado. (Nery, 2023, p. 57)

Compreendo a colagem como uma manifestação artística, uma vez que ela constrói representações por meio de texturas, formas, imagens e recortes, partindo de fragmentos. Aqui, proponho seu uso como ferramenta de materialização da memória para a construção da identidade de mulheres negras, resultando em uma forma de expressão que empodera e representa nossas histórias. Inspirada na artista visual Alexia Ferreira, residente em Fortaleza, Ceará, traz em suas colagens a representação de pessoas negras, recriando imagens que possibilitam outras formas de existência e visibilidade, distantes do olhar hegemônico. Em suas obras, Alexia propõe uma reconstrução de corpos negros a partir da colagem, criando novas narrativas visuais que rompem com estereótipos e apagamentos.

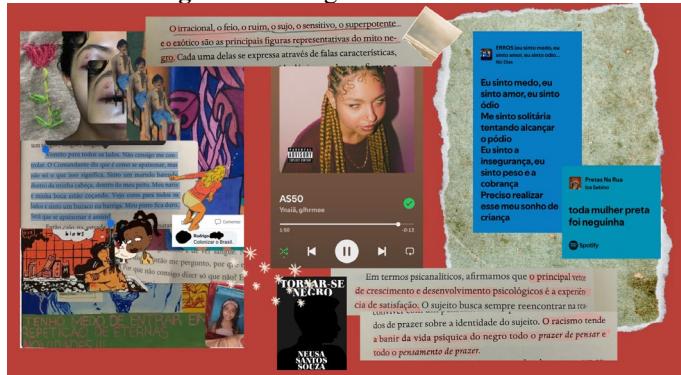
Figura 1 - Autoestima Sem O Olhar Do Outro



Fonte: Alexia Ferreira (2022)

A construção da colagem foi realizada com a participação de duas mulheres negras, ambas provocadas pela mesma pergunta disparadora: “*O que representa a sua memória e identidade de mulher negra?*”

Figura 2 - Colagem Dhara Amorim



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Figura 3 - Colagem Yara Gomes



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após finalizadas as colagens, foi comparado o que ambas as imagens têm em comum, quais os recortes que se repetem, mas levando em consideração a subjetividade nas construções de ambas. Também foi perguntado o que ambas sentiram ao reunir e visualizar essas imagens mesmo que fragmentadas, mas em sua construção das escolhas que fizeram. Ambas as respostas partiram de lembranças da infância e revelaram como essas memórias moldaram a construção de quem são hoje. Em cada colagem, foi possível perceber a presença de elementos simbólicos como: uma artista, uma escrita, um livro, uma música (todas de autoria feminina); uma lembrança de infância; um objeto com valor afetivo; e uma personagem de filme ou série (também feminina).

Como resultado, o processo de construção da colagem empodera nossas histórias ao permitir a visualização do todo formado pelos fragmentos que constituem quem somos. Ele também nos convida a uma reflexão profunda sobre nós mesmas. Quando voltamos o olhar para a infância, para as memórias visuais e sonoras ouvidas dos ancestrais, e nos permitimos materializar essas lembranças por meio da colagem, construímos uma narrativa própria, capaz de representar visualmente quem somos.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Casa Sueli. **Tessituras e estratégias: memórias negras organizadas.** São Paulo: Oralituras, 2024.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida.** 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: saberes, resistência e solidariedade.** Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/9ac298aafl203418036ae00bf1272e92.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.
- MARTINS, Renata (org.). **Empoderadas: narrativas incontidas do audiovisual brasileiro.** São Paulo: Editora Oralituras, 2021.

NERY, Karina Silveira. **Colagem e apropriação fotográfica na arte contemporânea brasileira: “Imagens curam imagens”**. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.